



“VAMO IMBOLÁ?” – A CANÇÃO POPULAR REPENSA SUAS FRONTEIRAS

Marildo José Nercolini*

RESUMO: *Em um mundo em que as fronteiras estão rasuradas e as identidades cindidas, compositores da canção popular, contemporâneos do tempo em que vivem, acabam por produzir canções que dialogam diretamente com esse novo contexto. Transitam por diferentes gêneros, reciclam o local de onde vem, com seus costumes e tradições, colocando-o em contato direto com propostas advindas de diferentes espaços, dando-lhe uma amplitude cosmopolita, sem perder, no entanto, a dimensão própria. Esse artigo pretende dar conta dessa realidade através da análise da produção musical de Zeca Baleiro, sob o enfoque das metáforas da hibridação e da reciclagem.*

PALAVRAS-CHAVE: *Globalização; estudos de cultura; MPB; Zeca Baleiro.*

O termo música popular, ou *popular music* como é denominado nos países de língua inglesa, é no Brasil usado a partir dos anos 60 acrescentando-se o adjetivo brasileira, como que a demarcar um espaço próprio e caracterizar uma produção local – com dimensões de um país continental e com uma diversidade de produções, mas que mantém um elo principal: ser feita por

* Doutorando em Literatura Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

compositores brasileiros. Essa denominação adquire força e se enraíza num período em que a discussão sobre o próprio e o alheio estava em voga e era tema obrigatório nos meios acadêmicos e artísticos. No campo da canção popular, porém, isso não significou um ensimesmamento, uma atitude auto-suficiente de negar o que vinha de fora, por pertencer a outras culturas. Não se pode negar a existência de comportamentos de compositores-cantores ou estudiosos do tema, com suas respectivas concepções de cultura e arte, que ferrenhamente negavam qualquer contato com o que vinha do estrangeiro, especialmente dos "gringos-imperialistas" norte-americanos. Por outro lado, o que acabou predominando foi uma atitude mais antropofágica. Abrir-se ao diálogo com as novas propostas que se firmavam no cenário externo, apropriar-se do melhor que elas poderiam nos oferecer e recriá-las com uma feição local. A Bossa Nova deu o grande passo, seguida pelas gerações seguintes, especialmente pelo Tropicalismo, numa tendência forte que suplantou as muitas críticas e os ataques recebidos de seus contemporâneos.

Hoje a questão da relação local-global é retomada sob os auspícios do processo de globalização. Quando esse controverso e multifacetário processo de globalização se implanta e de forma avassaladora, devemos nos perguntar se não temos um papel fundamental de crítica da forma como ele está sendo conduzido e também, estrategicamente, buscarmos alternativas.

Como fazer arte e cultura nessa etapa de globalização? Ou então, que questionamentos a arte e a cultura podem, e mais do que isso, devem fazer ao mercado e às fronteiras globalizadas? Para além das *narrações épicas*, em que se alardeiam as conquistas da globalização, seus processos de intercâmbios fluidos, abertura de fronteiras, e das *narrações melodramáticas*, em que se apontam as fissuras, a violência e as dores da interculturalidade, para García Canclini (1999) importa é buscar entender o que acontece quando ambos movimentos coexistem, não caindo nem na louvação descabida de uma globalização enquanto panacéia para todos os males,

